



PEQUENAS EMPRESAS: TRANSFORMANDO O RN

✓ ATENDIMENTO E
INTELIGÊNCIA
COMPETITIVA
PARA O SETOR

O Sebrae mantém projeto para o atendimento às empresas que atuam nos elos da cadeia do petróleo e gás natural, oferecendo consultorias, capacitação e soluções competitivas



PETRÓLEO E GÁS: NOVO HORIZONTE PARA EMPREendedORES DO RN

As perspectivas de a atividade petrolífera voltar a aquecer no Rio Grande do Norte são animadoras, a partir de novos projetos voltados à maximizar o fator de recuperação e o incentivo à competitividade no setor.



O PETRÓLEO É NOSO!

Há 70 anos, Getúlio Vargas disputava a presidência e o Brasil se mobilizava em torno de uma das suas principais riquezas, com o bordão “O Petróleo é Nosso”. Nomes de peso entraram nessa campanha, como Roberto Campos e Eugênio Gudin, mas terminaram vencidos na ferrenha defesa que faziam à participação de capital privado, inclusive estrangeiro, nas atividades de exploração do petróleo. Finalmente, foi criada a Petrobras, em 03 de outubro de 1953, com garantia de monopólio, somente quebrado 44 anos depois, pela Lei nº 9.478, a chamada Lei do Petróleo.

Essas considerações históricas iniciais valem para situar minha posição quanto à participação de pequenas empresas locais no grande negócio do petróleo em território potiguar. Que segue em ritmo lento, é verdade, mesmo depois daquele 1936, quando, no livro *O Escândalo do Petróleo*, Monteiro Lobato acusou o então presidente Getúlio Vargas de “não perfurar e não deixar que se perfure”.

Minha expectativa é que

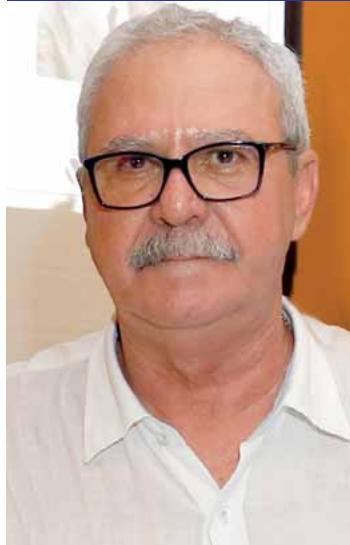
breve possamos deixar esse bordão no passado. Ao lembrar o trabalho do SEBRAE para aproximar (se não um casamento, pelo menos um namoro) Petrobras e pequenas empresas locais retorno aos idos de 1995, ainda no Século passado. Bira Rocha, então Presidente do CDE, disse que nem eu nem o SEBRAE conseguíamos vender nada à Petrobras. Sequer um boné!

Desafio aceito, aproveitamos um programa lançado pelo Nacional e iniciamos o cadastramento de pequenas empresas que tivessem condições de atender aos requisitos da Petrobras, como fornecedoras. Alguns críticos, arautos do pessimismo, insinuaram que o SEBRAE passara a trabalhar para a Petrobras, e de graça. Prefiro, definitivamente, pensar grande. Vejo aquele singelo cadastramento de empresas como o embrião da Rede Petro RN, quando Mossoró se tornou um importante polo de serviços industriais na área do petróleo e do gás.

Possivelmente o núcleo empresarial mais inovador, tecnológico e sofisticado deste Estado, a Rede Petro foi criada com a ajuda do SEBRAE, com o objetivo de congregar empresas

OPINIÃO

JOSÉ FERREIRA
DE MELO NETO
DIRETOR
SUPERINTENDENTE
DO SEBRAE/RN



da área de petróleo e gás que prestam serviços ou vendem produtos à Petrobras. Ganham ambos os lados nas negociações: Petrobras faz compras de alta qualidade, empresas fornecedoras vendem produtos bem avaliados, capazes de enfrentar a concorrência em mercados exigentes, inclusive em outros países. Aliás, organizar missões ao exterior é outra ação do SEBRAE à Rede Petro, um apoio à ampliação de negócios às empresas associadas, que chegaram, em determinado momento, a ser mais de 100. Tudo parecia bem, mas

desastres acontecem. E aconteceram.

Primeiro, com a própria Petrobras e o saque que sofreu. Sobre esse, nem adianta falar. Em segundo lugar houve entraves à normalidade operacional da Petrobras com a violenta oscilação dos preços do barril de petróleo, irmãos siameses da política e gêmeos univitelinos da economia mundial. Esses preços, que variaram de US\$ 150,00 a US\$ 30,00, nos últimos anos, hoje se situam em cerca de US\$ 75,00. O terceiro desastre para a integração Petrobras e empresas potiguares, talvez o de maior impacto negativo, foi a descoberta do pré-sal, em 2006, sob cuja sombra passaram a ser definidas as prioridades de investimento da estatal.

Por esse tempo o Rio Grande do Norte se orgulhava da sua posição de maior produtor de petróleo em terra (onshore), com produção diária de mais de 100 mil barris, marca que o tornava forte candidato a uma Refinaria. Em 2008 a parceria Petrobras e PDVSA venezuelana (leia-se Hugo Chávez) se concretizou na Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco. “Sobre essa, nem adianta falar” (de novo). Modernizaram as instalações de Guamaré e nos deram a Refinaria Potiguar Clara Camarão, como prêmio de consolação.

O que me preocupa, porém, não são as perdas do passado;

essas não podem mudar. Ao contrário, penso que algo deve ser feito, agora. Urge que todas as forças representativas da sociedade tentem evitar o recorrente discurso da Petrobras sobre a necessidade de desinvestimento no Rio Grande do Norte. Que elas se unam em torno do Projeto Topázio. Que a Petrobras o viabilize, transferido à iniciativa privada poços maduros localizados em terra. É até comprensível que uma empresa de grande porte tenha perdido o interesse em poços terrestres, principalmente por questões de escala. Que ela, cada vez mais, dirija suas ações ao litoral do Rio Grande do Norte, pois o petróleo offshore é território de poucas grandes empresas, como ocorre no mundo todo. Ao contrário, também no mundo todo, os projetos onshore são explorados por grande número de pequenas empresas. Que elas trabalhem, produzam e gerem empregos aqui, na nossa terra.

Desinvestimento, para a Petrobras, pode ser puro investimento, oportunidade de negócio para muitas empresas potiguares. Só não é possível nem saudável que a Petrobras repita o erro do qual Getúlio foi acusado: nem extraia e nem deixe extrair petróleo nos poços maduros da Bacia Potiguar. Com todo o respeito, o petróleo é nosso, não da Petrobras.



Avenida Lima e Silva 76 - Lagoa Nova
59075-710 Natal - RN - (0800-570-0800)

José Álvares Vieira
Presidente do Conselho Deliberativo do SEBRAE-RN
José Ferreira de Melo Neto
Diretor Superintendente do SEBRAE-RN
João Hélio Costa da Cunha Cavalcanti Junior
Diretor Técnico do SEBRAE-RN
José Eduardo Ribeiro Viana
Diretor de Operações do SEBRAE-RN
Edwin Aldrin Januário da Silva
Gerente da Unidade de Comunicação e Marketing

ENTIDADES DO CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL

Associação Norte-Rio-Grandense de Criadores - ANORC
Agência de Fomento do Estado do RN - AGN
Associação Comercial e Industrial de Mossoró - ACIM
Banco do Brasil S/A - BB
Banco do Nordeste do Brasil - BNB
Caixa Econômica Federal - CEF
Federação da Agricultura, Pecuária e Pesca do RN - FAERN
Federação das Associações Comerciais do RN - FACERN
Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas do RN - FCDL
Federação das Indústrias do RN - FIERN
Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do RN
Fundação de Apoio à Pesquisa do RN - FAPERN
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE

Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado do RN - SEDEC
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI - DR-RN

ESCRITÓRIOS REGIONAIS

* Apodi - Rua Joaquim Teixeira de Moura, 1315 - Portal da Chapada - 59700-000 – (84) 3333-3940
* Assú - Rua Bernardo Vieira, 104 - Centro - 59.650-000 - (84) 3331-8304
* Caicó - Rua General Dantas, 215 - Centro - 59.300-000 - (84) 3417-7400
* Currais Novos - Rua Lula Gomes, 112 - Centro - 59380-000 - (84) 3405-7500
* João Câmara - Rua Antônio Proença, 721 - Centro - 59.550-000 - (84) 3262-2115
* Mossoró - Rua Rui Barbosa, 630 - Centro - 59.600-230 - (84) 3317-8800
* Nova Cruz - Rua 15 de Novembro, 174 - Centro - 59.215-000 - (84) 3281-6100
* Pau dos Ferros - Rua Quintino Bocaiuva, 295 - Centro - 59.900-000 - (84) 33516300
* Santa Cruz - Rua Lourenço da Rocha, 103 - Centro - 59.000.00 - (84) 3291-7300



CLEONILDO MELLO
REPÓRTER

Desde o primeiro jorro de petróleo na cidade de Mossoró até a consolidação do maior campo produtor terrestre do Brasil, o Campo do Canto do Amaro, muita coisa mudou na atividade de exploração e produção de petróleo em terra no Rio Grande do Norte, sobretudo na região Oeste, onde estão concentrados os principais campos terrestres da bacia potiguar.

O Brasil possui reservas de pouco mais de 1 bilhão de barris de óleo equivalente em terra, das quais cerca de 300 milhões estão no Rio Grande do Norte. No caso do gás natural, as reservas comprovadas chegam a 4 bilhões de metros cúbicos. No entanto, nos últimos quatro anos, a indústria petrolífera do estado e a sua cadeia de valor vêm atravessando uma fase turbulenta, notadamente em função dos desinvestimentos da Petrobras nos ativos terrestres. Com isso, na região de Mossoró, o desemprego subiu, empresas faliram ou mudaram de ramo e o estado passou a arrecadar menos de um setor, que representa 13% do Produto Interno Bruto (PIB) potiguar.

O estado vivenciou a descoberta, a abundância, o apogeu e também a desaceleração de uma atividade, que, mais do que nunca, busca forçosamente se erguer, para o bem da economia do Rio Grande do Norte. A abertura do mercado para novas companhias projeta novas perspectivas, um leque de possibilidade de remodelagem de negócios e dá fôlego aos



PETRÓLEO & GÁS

BACIA POTIGUAR: DA CRISE AO CENÁRIO DE NOVAS OPORTUNIDADES

O RN detém cerca de um terço das reservas brasileiras de petróleo e gás natural em terra com aproximadamente 300 milhões de barris de óleo equivalente. A retomada da atividade é decisiva para a economia potiguar, já que o setor responde por 13% do PIB do RN

empreendedores que já estão, ou almejam entrar, nesse setor.

Não há informações precisas. Estima-se que a redução dos investimentos da Petrobras tenha provocado impacto negativo de 13 mil postos de trabalho no RN. De acordo com dados da Associação Comercial e Industrial de Mossoró (ACIM), o comércio de municípios da região registrou uma retração gradativa que já ultrapassa os 30% em função da

desaceleração da atividade.

“O processo de desinvestimento da Petrobras trouxe uma ressaca para a cidade e região em termos de emprego e investimentos. E o comércio nos últimos seis anos sentiu esse abalo, uma vez que a companhia abraçou toda a cadeia produtiva, que é composta por uma série de empresas prestadoras de serviço e um pessoal qualificado especialmente para essas empresas”, explica o presidente da

ACIM, José Carlos Matos.

Recuo

É indiscutível que a produção caiu e atualmente chega a 46 mil barris de óleo equivalente por dia (boed), mas esse volume já chegou a atingir o pico de 112 mil boed. Isso se explica pelo número de poços em desenvolvimento, que teve uma brusca redução, passando de 308, em 2015, para apenas 37 no ano passado. Os exploratórios acompanharam essa curva e decaíram de 37 para

nenhum nos respectivos anos. As prospecções por novas áreas também foram minando. Enquanto se notificava entre 30 e 20 novas descobertas em meados de 2009 e 2012, a quantidade despencou a ponto de se notificar apenas uma nova área no ano passado.

Sobre os motivos para os desinvestimentos da petroleira na atividade terrestre, a Petrobras informou via assessoria de imprensa que “todos os campos que já passaram pelo pico de produção são considerados maduros, e apresentam declínio natural da produção. Nos últimos anos, alguns fatores contribuíram para acentuar esse declínio, dentre eles, a redução na injeção de vapor em virtude da crise hídrica no RN. Esse vapor é fundamental para se extrair o petróleo pesado que compõe parte das jazidas do estado”.

Entretanto, segundo estudo da FGV Energia, a falta de investimentos no onshore se explica pela opção brasileira de exploração em águas profundas e ultra profundas a partir dos anos 90. “Após 20 anos de produção, em média, grande parte dos hidrocarbonetos permanece nos reservatórios de um campo, mesmo após o uso de métodos de recuperação secundários e terciários”, aponta o estudo.

E são justamente esses campos que são alvos de operadoras independentes e pequenas companhias, apontadas como capazes de retomar o potencial da atividade petrolífera no RN e aquecer toda a cadeia produtiva com a aquisição de campos com poços marginais.



ROBSON MATOS – GESTOR DO PROJETO PETRÓLEO E GÁS

PROJETO SETORIAL

ATENDIMENTO E INTELIGÊNCIA COMPETITIVA PARA O SETOR

O Sebrae mantém projeto para o atendimento as empresas que atuam nos elos da cadeia do petróleo e gás natural, oferecendo consultorias, capacitação e soluções competitivas

Um setor com atividades específicas e com alto nível de exigência, inclusive internacional, ambiental e tecnológica requer empresas qualificadas e em sintonia com esse mercado. Por isso, há mais de uma década o Sebrae no Rio Grande do Norte mantém um projeto para capacitar e atender especificamente os empreendedores que estão envolvidos na cadeia de valor da indústria petrolífera. O Projeto de Fortalecimento da Cadeia de Petróleo e Energia do RN atende 60 empresas que

produzem bens, fornece serviços ou atuam diretamente na atividade de exploração e produção. A proposta principal da iniciativa é promover a inserção competitiva de pequenos negócios na no setor, ampliando as competências e o nível de inovação, que são chaves para acessar novos mercados, de forma competitiva e sustentável. Até 2014, o projeto contava com o apoio operacional da Petrobras para o desenvolvimento de ações para o fortalecimento das micro e pequenas empresas fornecedoras da cadeia. A partir daí, além de desenvolver e qualificar os fornecedores através de capacitações e consultorias, o Sebrae tem buscado ampliar as oportunidades das empresas com a aproximação das produtoras independentes de petróleo, realizando encontros e rodadas de negócios, inclusive com o engajamento de grandes empresas de energias

renováveis, especialmente da energia eólica. Também tem incentivado a participação das empresas em feiras e na realização de eventos, notadamente voltados para discutir a retomada dos investimentos nas regiões produtoras. De acordo com o gestor do projeto de Petróleo e Gás, Robson Matos, as ações do Sebrae-RN estão baseadas em cinco eixos, que passam pela formação da governança, promoção da inteligência competitiva e desenvolvimento dos pequenos negócios com base na gestão e inovação, assim como promoção de acesso a novos mercados e, principalmente, a articulação de políticas públicas que fortaleçam todo o setor. “Temos realizado um papel importante de articulação institucional na área de políticas públicas para ampliar o debate de como novamente dinamizar a cadeia do petróleo no Rio

/// PROJETO DE FORTALECIMENTO DA CADEIA DE PETRÓLEO E ENERGIA DO RN

1 Atende atualmente 60 empresas do setor

2 Oferece capacitação e consultorias de forma subsidiada (até 70%) nas áreas de gestão e inovação

3 Disponibiliza suporte para licenciamento ambiental e adequação da empresa a normas internacionais (ISO 9001, ISO 14001 e OHSAS 18001)

4 Promove intercâmbio tecnológico com outras regiões e estados produtores

5 Viabiliza a participação em eventos do setor, missões empresariais e visitas técnicas

6 Podem participar pequenos negócios da cadeia de petróleo, gás natural e energia

7 Para participar, basta procurar um ponto de atendimento do Sebrae

Grande do Norte para ter uma atividade que gere negócios e empregos”, ressalta Robson Matos. A meta agora é incentivar pequenas empresas a atuarem como operadoras independentes. “Temos a possibilidade de articular com instituições financeiras linhas de crédito específicas para as empresas interessadas em entrar nessa área de produção e exploração”, finaliza Matos.

SUporte e CAPACITAÇÃO

Projeto do Sebrae oferece consultorias e serviços especializados de forma subsidiada, através do programa Sebraetec, adequando a empresa para as exigências do mercado

Para as empresas participantes, o Sebrae oferece uma série de capacitações na área de gestão e principalmente consultorias e serviços especializados de forma subsidiada, através do programa Sebraetec, adequando a empresa para as exigências do mercado. O Sebrae oferece suporte para o desenvolvimento de plano de ação para atuar nesse mercado de petróleo e gás. De acordo com o gestor do projeto e analista técnico, a vantagem da iniciativa é justamente oferecer consultorias que estão em sintonia com o setor, como é o caso de preparações para licenciamento ambiental, implantação de Sistema de Gestão da Qualidade - ISO 9001, Sistema de Gestão Ambiental - ISO 14001, Sistema de Gestão da Saúde e Segurança Ocupacional - OHSAS 18001 e Responsabilidade Social - 16001, além de serviços digitais para criação de sites e aplicativos e design de comunicação. Quarenta empresas participantes do projeto passaram por uma avaliação para analisar o nível de gestão com base nos critérios do Modelo de Excelência da Gestão (MEG), da Fundação

40
empresas
participantes do
projeto passaram por
uma avaliação para
analisar o nível de
gestão com base nos
critérios do Modelo
de Excelência da
Gestão (MEG), da
Fundação Nacional
da Qualidade (FNQ).

Nacional da Qualidade (FNQ). Além disso, o projeto foi responsável por auxiliar na elaboração do novo posicionamento estratégico da Redepetro-RN, uma rede com 50 empresas ligadas à cadeia, dentro da nova realidade da atividade no estado.

Engenharia e soluções inovadoras
Uma das primeiras empresas participantes do Projeto de Fortalecimento da Cadeia de Petróleo e Energia do RN foi a Engepetrol. Fundada em 1987, a empresa foi estruturada para prestar serviços à Petrobras na área de manutenção e evoluiu para a fabricação de peças para instalação de poços. Hoje, a



ENGEPETROL

Engepetrol é conhecida por criar soluções inovadoras em termos de acessórios que geram economia e eficiência no processo. "Criamos esses itens a partir da observação e das demandas do campo, que é um grande laboratório", revela o empresário José Nilo Souza.

A linha de produção da Engepetrol fornece peças para a Petrobras e mais outras operadoras com um catálogo superior a 100 itens, produzidos exclusivamente em Mossoró. "A Petrobras é uma operadora de referência porque desbravou essa terra. Com a chegada das outras companhias, nossa carteira de clientes foi acrescida. O momento mudou, mas as oportunidades de negócios permanecem", afirma Nilo. A empresa atende clientes de estados do Norte, Nordeste e Sudeste, onde há atividade de produção e exploração de petróleo. Chegou a sentir os reflexos dos desinvestimentos na

região. Teve que demitir um terço do quadro de pessoal, ficando com apenas 20 funcionários. O impacto também foi sentido no faturamento, que caiu 30%. "A desistência só vem quando realmente acaba. Antes disso, vem a persistência e a insistência. Só depois a desistência. Acredito na região e num trabalho a ser feito em nível de Brasil a partir daqui [Mossoró]", diz otimista o empreendedor da Engepetrol. Sobre o projeto e iniciativas do Sebrae, José Nilo analisa: "O Sebrae teve, e tem, um papel de extrema relevância em todo esse processo, já que aglutinou em torno de um projeto todas as empresas da cadeia e viabilizou a qualificação e o planejamento estratégico conjunto, de forma a atender as expectativas das operadoras de petróleo. Se não fosse o Sebrae, levaríamos bastante tempo para reunir todas essas empresas em torno de um objetivo comum".

"A Petrobras é uma operadora de referência porque desbravou essa terra. Com a chegada das outras companhias, nossa carteira de clientes foi acrescida. O momento mudou, mas as oportunidades de negócios permanecem".

JOSÉ NILO SOUZA



FOMENTO A NOVOS NEGÓCIOS E APROXIMAÇÃO EMPRESARIAL

No setor de petróleo e gás, um dos focos estratégicos do Sebrae é fomentar mais negócios para as empresas da cadeia

Fazer a ligação entre as pequenas empresas que prestam serviços ou fornece bens e grandes companhias, que precisam de rede de terceirizados para operar no setor. Essa é uma das linhas do Sebrae para ajudar os pequenos negócios a acessarem novos mercados e promover um volume maior de negócios, que se concretizam com os encontros de negócios. O próximo voltado para o setor ocorrerá no final deste mês, durante o III

Fórum Onshore Potiguar, que será realizado entre os dias 27 e 29, no Garbos Recepções e Eventos, em Mossoró.

O Encontro de Negócios promoverá intercâmbios comerciais entre empresas compradoras e empresas fornecedoras do setor, além do encontro de negócios.

anterior, durante o mesmo fórum, participaram 36 empresas ofertantes e oito âncoras, o que resultou em 155 reuniões de negócio. Espera-se que nessa edição o número de agendamentos seja ainda maior, já que terá um número bem maior de participantes.

Promovido pelo Sebrae e pela Redepetro-RN, o III Fórum Onshore Potiguar vai discutir as fronteiras da produção terrestre de petróleo no Brasil e terá na programação conferências, palestras, painéis técnicos, visitas a empresas referências e uma mostra de empresas operadoras e fornecedoras do setor.

A estrutura será composta de três áreas, que tratam de petróleo e gás, energias renováveis e inovação. Nessa última arena, os empreendedores terão a oportunidade de apresentar as soluções inovadoras que suas empresas criaram para o setor.

/// III FÓRUM ONSHORE POTIGUAR

- Dias 27 e 29, no Garbos Recepções, em Mossoró.
- Vai discutir as fronteiras da produção terrestre de petróleo no Brasil
- Promoverá intercâmbios comerciais entre empresas compradoras e empresas fornecedoras do setor
- 250 empresas participarão da rodada de negócios.

HISTÓRICO

O fórum foi concebido com uma proposta protagonista. A primeira edição do evento aconteceu em 2016, sendo realizado em torno de uma solicitação do Ministério das Minas e Energias para discutir previamente o Reate, programado com vistas à revitalização da atividade de produção terrestre. A Carta de Mossoró com as propostas do segmento serviu de parâmetro para a construção do programa, cujo lançamento ocorreu em janeiro do ano seguinte em Salvador, na Bahia.

Na segunda edição, o fórum foi dedicado a discutir as possíveis opções para a retomada dos investimentos na indústria do petróleo na região Norte e Nordeste, com especial atenção às oportunidades atreladas ao repasse de campos da Petrobras para operação de empresas independentes brasileiras e estrangeiras e a revitalização da cadeia de fornecimento. O evento teve o mérito de reunir o governo do estado e os onze municípios produtores de petróleo para mostrar a importância desse setor para a economia do Rio Grande do Norte.

Nessa edição, a ideia é disseminar o conhecimento de inovações tecnológicas que possam melhorar a performance da produção de petróleo e gás em terra, além de discutir temas ligados às energias renováveis. Durante o evento, a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) vai realizar audiências públicas e também será lançado oficialmente o Fórum Potiguar de Petróleo e Gás, que deve reunir os principais atores e entidades para traçar os destinos do setor. A programação e a grade completa do evento podem ser conferidas no site <http://redepetrorn.com.br/onshore/>.



EDUARDO VIANA
DIRETOR DE OPERAÇÕES DO SEBRAE-RN

INSEÇÃO COMPETITIVA DOS PEQUENOS NEGÓCIOS

Por que para o Sebrae esse é um setor tão importante?

O setor de petróleo e gás tem ao longo de sua cadeia uma série de atividades, em diferentes níveis de fornecimento, que em grande parte é formada por pequenos negócios. Essas atividades vão desde atividades de alto grau de especificação técnica, como por exemplo, interpretação de dados geofísicos, passando por atividades de engenharia, serviços industriais, indústrias de bens, perfuração e complementação de poços, e chegando à hotelaria. O SEBRAE tem papel crucial no apoio desses pequenos negócios, principalmente na preparação de empresas para o atendimento aos requisitos das grandes empresas (âncoras), promovendo a inserção competitiva de pequenos negócios nessa cadeia.

Há mais de uma década, o Sebrae teve um papel primordial na organização da cadeia de suprimentos do setor de petróleo e gás. Quais são os desafios diante do cenário atual desse segmento?

Os últimos anos não têm sido fáceis para as empresas fornecedoras do setor de petróleo e gás aqui no Rio Grande do Norte. Retração dos investimentos, queda acentuada da produção de petróleo e gás, aliados a outros fatores, promoveram uma grande desmobilização de empresas, redução de suas atividades, queda no faturamento, entre outras dificuldades. Os desafios vão no sentido de preparar cada vez mais as empresas para o atendimento às novas demandas do setor de petróleo e gás. Estão surgindo novas formas de contratação e diferentes players, com novas demandas. É preciso, principalmente, criar um ambiente favorável para que os pequenos negócios possam estar cada vez mais presentes nessa cadeia.

O senhor acredita que é possível fazer um trabalho para colocar o RN, mais especificamente Mossoró, como centro do onshore brasileiro, como querem os empresários desse setor, numa espécie de hub de



serviços?

Mossoró, bem como este estado, preparam-se para o atendimento às demandas do setor de petróleo e gás. Mossoró detém um pool de empresas de grande expertise técnica, mão de obra altamente qualificada, boa parte dos operadores têm bases instaladas na cidade, o Instituto Senai de Tecnologia para Petróleo e Gás, universidades, e o CTGAS é referência para o atendimento às demandas do setor. Não podemos esquecer que grande parte da produção de petróleo e gás em terra, no Brasil, é obtida na região de Mossoró, como por exemplo, o Canto do Amaro.

Como o senhor vê o cenário futuro da atividade de petróleo e gás natural do Rio Grande do Norte após essa desaceleração de investimentos? A abertura do mercado traz novas perspectivas para a atividade no estado?

Esperamos que a retomada da produção de petróleo e gás, bem como o surgimento de novos investimentos, voltem a dinamizar essa importante atividade para o estado. Abertura de mercado sempre traz novas oportunidades. Existem reservas provadas, campos produtores, empresas preparadas e mão de obra qualificada. As energias renováveis cada vez mais substituirão o petróleo como fonte energética. É urgente a retirada dessa riqueza do nosso subsolo. Petróleo só gera riquezas se for produzido.

INTERCÂMBIO TECNOLÓGICO INTEGRA AS AÇÕES

Uma parte importante das ações do Projeto de Fortalecimento da Cadeia de Petróleo e Energia do RN é a promoção de missões empresariais e intercâmbio tecnológico entre empresas dos principais polos produtores de petróleo do Brasil e do mundo. Os empreendedores têm a oportunidade de conhecer de perto a realidade da atividade e aplicar aos seus negócios.

No mês passado, um grupo viajou aos Estados Unidos para conhecer como pequenos produtores se organizam e como funciona a cadeia de uma forma geral. A comitiva, formada por um consultor, três empresários e o gestor do projeto, Robson Matos, visitou durante dez dias os estados de Oklahoma e do Texas. O grupo pode entender as regulamentações do setor de petróleo e gás para pequenos produtores das duas localidades americanas, além de visitar pequenos operadores locais. Os empresários também participaram de eventos, como a Oklahoma Oil & Gas EXPO e PBIOS – Permian Basin Show. Esse foi apenas um dos intercâmbios, pois o Sebrae já viabilizou entre 2017 e 2018 a participação de 20 empresas em eventos de promoção de negócios, como a Petrosul, Petronor e Rio Oil&Gas, todas realizadas no Brasil.





PEQUENOS OPERADORES JÁ EXPLORAM CAMPOS POTIGUAES

Pelo menos sete companhias independentes atuam nos campos maduros, antes, explorados por grandes companhias. Uma delas é a Phoenix que pretende chegar ao fim do ano com uma produção de 75 barris de petróleo por dia e 15 mil metros cúbicos diários de gás natural

A abertura desse mercado é aguardada desde 2013, quando o Conselho Nacional do Petróleo (CNPE) aprovou a Resolução nº 1, estabelecendo a política e as medidas específicas para aumentar a participação das empresas de pequeno e médio porte nas atividades de exploração e produção de petróleo e gás natural. Mas pouco se avançou nessas questões. Mesmo assim o Rio Grande do Norte já conta com a presença de produtores independentes.

A abertura do mercado é uma realidade. Hoje, existem entre 13 e 15 empresas atuando na produção de petróleo e gás de forma independente no Brasil. No Rio Grande do Norte, pelo menos, sete dessas empresas já operam campos marginais, mas, pelo potencial, há mercado para pelo menos 100 operadoras

“Existe uma enorme quantidade de poços nessa região que produzem entre cinco e dez barris por dia, mas estão fechados. Esses poços já poderiam estar sendo operados por pequenos produtores a um baixo custo”

GUSTAVO CACHINA

independentes na visão de especialistas.

Entre as operadoras presentes no RN, estão a GeoPark, Sonagol, Imetame, Partex Oil & Gas, Central Resources, Petrosynergy e a Phoenix. Essa última um braço do grupo Orion e idealizada por pequenos investidores com experiência no ramo do petróleo que entraram na modalidade de low cost (baixo custo) com estrutura bem enxuta, adquirindo os ativos da UTC, em cinco campos (Concriz, Periquito,



ntidade
e
lez

erados
sa um

ialistas.
no RN,
ne, Partex
rosynergy
o do
uenos
ramo do
idade de
ura bem
JTC, em
,

Periquito Nordeste, Periquito Norte e Rio do Carmo) localizados em municípios da região de Mossoró, sobretudo em Upanema.

Um desses empreendedores é Gustavo Cachina, que é engenheiro e especialistas em petróleo e gás, e viu no negócio uma oportunidade de crescimento. Ele é o diretor técnico da empresa, que chega a movimentar cerca de R\$ 10 milhões por ano. Isso porque a operadora possui dez poços em produção, conseguindo obter 28 barris de petróleo por dia e 10 mil metros cúbicos de gás natural. Pelo potencial, a meta da Phoenix é finalizar o ano produzindo 75 barris e 15 mil metros cúbicos de óleo e gás, respectivamente, por dia.

Uma das estratégias da Phoenix para gerar volume de negócio é fornecer gás natural a postos de combustível que não estão integrados à rede de gasodutos da Potigás. Para isso, conta com uma estrutura logística de oito carretas [de propriedade dos postos] que se revesam no abastecimento e transporte dos cilindros de gás natural para os municípios de Macau, Caraúbas, Itajá, Ceará-Mirim, Santa Cruz e Currais Novos.

Mais players

“Existe uma enorme quantidade de poços nessa região que produzem entre cinco e dez barris por dia, mas estão fechados. Esses poços já poderiam estar sendo operados por pequenos produtores a um baixo custo”, analisa Gustavo Cachina em relação à abertura para pequenas companhias. Ele vê na entrada de mais empresas um ponto positivo. “Com mais empresas, poderíamos

/// PRODUTORES INDEPENDENTES

1 Existem entre 13 e 15 empresas atuando na produção de petróleo e gás de forma independente no Brasil.

2 No Rio Grande do Norte, pelo menos, sete dessas empresas já operam poços marginais.

3 Operadoras presentes no RN: GeoPark, Sonagol, Imetame, Partex Oil & Gas, Central Resources, Petrosynergy e a Phoenix.

4 A Phoenix chega a movimentar cerca de R\$ 10 milhões por ano.

5 A operadora possui dez poços em produção e chega a obter 28 barris de petróleo por dia e 10 mil metros cúbicos de gás natural.

ter uma estrutura logística compartilhada. Quanto mais players no mercado, mais é possível compartilhar equipamentos, como sondas de perfuração, e minimizar custos”.

Todo o óleo e a maior parte do gás obtidos pela Phoenix são enviados em carretas para o Polo de Guamaré em carretas, já que não tem acesso a rede de dutos da Petrobras, compradora da matéria prima. “O acesso reduziria os nossos custos. Precisamos dessas facilidades de produção”, argumenta Gustavo Cachina.

PAUTAS DOS INDEPENDENTES

O presidente da Associação Brasileira de Produtores Independentes de Petróleo (ABPIP), Marcelo Magalhães, também defende essas facilidades para os pequenos operadores e diz que as principais reivindicações desses investidores passam por três áreas. Eles querem disposição de ativos que não sejam foco da Petrobras, através de processos de venda ou cessão.

“O fato é que, em três anos de Projeto Topázio, a Petrobras não foi capaz de concluir a venda de nenhum dos polos inicialmente anunciados. Pelo contrário. O que assistimos foi a retirada de polos, como o de Buracica, na Bahia, do processo”, diz o presidente da ABPIP. Segundo ele, o campo de Canto do Amaro, no RN, foi escolhido para uma licitação, em que a vencedora, uma empresa de serviço, assumiria o risco de produção. “Não achamos esse modelo adequado ao momento, sobretudo se estiver concentrado em grandes empresas internacionais de serviços, como Baker, Schlumberger e Halliburton. Não contribui para a criação de uma indústria forte”.

O Campo do Canto do Amaro é bloco potiguar situado numa área superior a 362 quilômetros quadrados na região de Mossoró/Areia Branca com mais 1.882 poços perfurados e cuja

produção atual de óleo gira em torno de 10 mil barris de óleo por dia e 20 milhões de metros cúbicos por dia de gás natural. Os picos de produção desse campo – considerado o maior em terra do país - ocorreram em 2014, com a produção de 73,5 milhões de metros cúbicos por dia de gás natural, e, no caso do óleo, em 1990, quando eram retirados 39,9 mil barris de petróleo por dia dos poços locais.

Simplificação

Outras questões pleiteadas pela ABPIP são a simplificação regulatória e a melhoria das condições de comercialização do óleo e gás produzidos pelos independentes. Isso porque a Petrobras é a compradora monopólica, impondo regras e preços incompatíveis com os padrões internacionais na avaliação da associação, que conta com 11 operadoras associadas das 15 existentes no país. “O que esperamos é ter uma indústria pujante, com dezenas de operadoras independentes atuando em terras e águas rasas de nosso país, com investimento, geração de emprego, renda, royalties, impostos e aumento do fator de recuperação dos campos maduros brasileiros”, estima Marcelo Magalhães.

/// CAMPO DO CANTO DO AMARO

bloco potiguar situado numa área superior a 362 quilômetros quadrados na região de Mossoró/Areia Branca

1.882

poços perfurados e cuja produção atual de óleo gira em torno de 10 mil barris de óleo por dia e 20 milhões de metros cúbicos por dia de gás natural.





SINAL DE ALERTA APÓS DESACELERAÇÃO DE ROYALTIES

Os repasses totais para o RN saíram da faixa de R\$ 550,8 milhões, em 2014, e caíram para o patamar de R\$ 322,2 milhões no ano passado, uma redução de 41,5%

O recuo no ritmo da atividade acendeu um sinal de alerta, não somente entre governo e prefeitos dos municípios potiguares produtores de petróleo, mas também em proprietários de terras, que viram as receitas advindas dos royalties despencarem. Os repasses totais para o RN saíram da faixa de R\$ 550,8

milhões, em 2014, e caíram para o patamar de R\$ 322,2 milhões no ano passado, uma redução de 41,5%. Franklin de Brito Nunes possui uma propriedade com 80 hectares, localizada no Campo do Canto do Amaro, onde existem nove poços perfurados. Desse total, somente cinco estão em operação. Os quatro foram desativados depois

da retração do setor e consequentemente teve queda nos repasses.

“Quando um poço é perfurado, nos três primeiros meses, a produção é alta. Cheguei a receber R\$ 20 mil no primeiro mês, no segundo R\$ 18 mil e no terceiro R\$ 15 mil. Depois, foi se normalizando com uma média de R\$ 7 mil. Mas hoje estou recebendo

/// RESERVAS DE ÓLEO EQUIVALENTE EM TERRA



BRASIL
mais de 1 bilhão de barris



RN
300 milhões de barris

Número de companhias independentes: 12 operadoras
Produção atual: 46 mil barris de petróleo por dia

PETRÓLEO & GÁS NO RN EM NÚMEROS

- RN é 6º produtor nacional de petróleo e gás
- RN responde por 2,2% da produção nacional da Petrobras
- RN possui 14 blocos
- O estado tem 102 campos
- São 4.161 poços produtores (até 2017)
- E tem 7.108 poços perfurados

apenas R\$ 1,5 mil mensalmente”, revela.

Franklin Nunes adquiriu a terra em 2002 com três poços perfurados. Com o boom de investimentos na região, foram perfurados mais três poços e até chegar ao total de nove poços. Parte da renda obtida no auge da produção foi investida em uma empresa de montagem de tendas.

As prefeituras também sentiram o baque com a redução da produção. As 11 cidades do Rio Grande do Norte onde há atividade petrolífera ou por onde passam os dutos têm nos royalties o equivalente a 37% da parcela recebida do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Um impacto e tanto para essas microeconomias.

NOVO CENÁRIO PÓS-DESINVESTIMENTO

A cadeia do petróleo e gás natural abre um leque de possibilidade de fornecimento de bens e serviços. Além disso, pessoas qualificadas estão aguardando a oportunidade de retomada

Para o Sebrae, a atividade ainda é importante e está muito aquém da sua capacidade produtiva. A cadeia do petróleo e gás natural abre um leque de possibilidade de fornecimento de bens e serviços, desde a parte de licenciamento ambiental, sísmica e perfuração até a parte de fardamentos, alimentação e transporte. Além disso, pessoas qualificadas estão aguardando a oportunidade de retomada.

Em função disso, o Sebrae no Rio Grande do Norte tem abraçado a pauta da reativação dos investimentos e da consolidação da abertura do mercado, fazendo um trabalho de articulação institucional com diversas entidades representativas do segmento, de forma a criar um ambiente favorável à atuação das micro e pequenas empresas.

“Os pequenos negócios têm um papel fundamental nessa cadeia produtiva, uma vez que as grandes companhias têm no seu core business uma atividade muito específica, mas que precisam de diversas outras empresas para complementar o serviço”, explica o gestor do Projeto de Fortalecimento da Cadeia de Petróleo e Energia do RN do Sebrae-RN, Robson Matos.

A abertura do mercado e o aquecimento do setor abrem um espaço importante para que as micro e pequenas empresas, que têm



expertise e estão instaladas na região, possam passar a fornecer bens e serviços à cadeia produtiva ou até se tornarem operadoras do seu próprio campo. A ideia é dar condições para que produtores independentes possam se instalar no estado, a produção ganhar escala e assim retomar a atividade.

Ambiente favorável
Que a abertura do mercado é imprescindível para retomada das atividades, não restam dúvidas. Porém, é preciso ter um ambiente favorável do ponto de vista jurídico e econômico para que os pequenos negócios possam aproveitar de forma competitiva esse cenário. O debate gira em torno das condições necessárias para isso ocorrer. Isso é o que

/// REPASSE ANUAL DE ROYALTIES RN*

2018 - R\$ 310,2 milhões**

2017 - R\$ 322,2 milhões
2016 - R\$ 289,7 milhões
2015 - R\$ 388,4 milhões
2014 - R\$ 550,8 milhões
2013 - R\$ 509,2 milhões

*Estado e municípios **Até setembro
Fonte: ANP

pensa a gerente de Desenvolvimento da Indústria do Sebrae-RN, Lorena Roosevelt.

Para ela, na situação atual, não se torna viável a atividade pensando exclusivamente na Petrobras porque, segundo ela, é inviável para a companhia continuar com

a mesma dinâmica que já foi no passado. Também seria difícil é crer que as operadoras independentes, a iniciativa privada, isoladamente, consigam isso.

“Acredito que a médio ou longo prazos teria que ter investimentos, políticas, infraestrutura e legislação tributária e ambiental que tornasse viável a parceria entre a Petrobras e essas operadoras independentes para viabilizar essa produção no estado. Essa dinâmica econômica, que um dia já ocorreu, tem toda condição de voltar. Mas em novos moldes, através de parcerias e através de uma legislação específica que viabilize isso”, avalia. Para Lorena Roosevelt, é importante pensar a atividade do petróleo fora do petróleo, ou seja,

analisar quais sinergias essa indústria e essa mão de obra qualificada possuem com outros setores, até de energias renováveis, e que essa região possa se reestruturar para atender demandas que vêm do futuro.

“A gente precisa pensar o petróleo nos Marcos do Petróleo Onshore, considerando os campos maduros e marginais, mas também precisamos pensar o petróleo fora do petróleo. Todo esse conhecimento, esse aprendizado e essa capacidade instalada na região também podem se tornar um elemento atrativo para outros tipos de indústria ou de serviços que venham a ter relacionamento com a região de Mossoró”, conclui a analista técnica do Sebrae-RN.



PROPOSTAS ABREM FRONTEIRA PARA NOVOS PLAYERS

O projeto Topázio, como é denominado o plano de desinvestimento da estatal na produção terrestre, é uma das diretrizes

A abertura do mercado para novas operadoras depende de políticas públicas que regulamentem a aquisição e cessão dos campos que ainda pertencem à Petrobras. Uma das diretrizes que pretendem disciplinar esse repasse de ativos é o projeto Topázio, como é denominado o plano de desinvestimento da estatal na produção terrestre. O projeto foi lançado em 2016 e continha inicialmente um conjunto dez campos maduros da companhia que seria repassado para operadoras independentes, inclusive os campos potiguares.

Depois de o Tribunal de Contas da União (TCU) solicitar a revisão da sistemática de venda de ativos da petroleira e brecar os leilões, o projeto foi relançado no ano passado e disponibiliza agora no Rio Grande do Norte dois polos terrestres, que se encontram em fase vinculante de concessão, o Riacho da Forquilha e o Macau, além de um polo marítimo situado em águas rasas, o Rio Grande do Norte Mar.

Ao todo, projeto Topázio prevê o repasse de 47 campos no Rio Grande do Norte, a maioria situada no polo Riacho da Forquilha, que possui 34 campos terrestres e onde há 2.274 poços perfurados. A produção desse polo, operado 100% pela Petrobras, chegou em 2016 a 8.748 barris de óleo por dia e 332 mil metros cúbicos de gás natural por dia.

No polo Macau, são sete campos (Aratum, Lagoa do Aroeira, Macau, Porto Carão, Salina Cristal, Sanhaçu e Serra), sendo que três deles têm porções em águas rasas: Aratum, Serra e Macau. Ao todo, o Polo Macau, que tem 24,5 milhões de barris de petróleo equivalente (óleo e gás natural) em reservas, de acordo com a Petrobras. Os sete campos produziram em 2016 algo em torno de 6 mil barris por dia de petróleo.

Já o polo situado em águas rasas, a 30 quilômetros da costa, o

//PROJETO TOPÁZIO EM NÚMEROS

80
campos em fase de venda

9.000
poços perfurados

47
campos potiguares à venda

POLOS POTIGUARES
Riacho da Forquilha, Macau e Rio Grande do Norte Mar

Rio Grande do Norte Mar, tem seis campos - Agulha, Cioba, Oeste de Ubarana, Pescada e Arabaiana e Ubarana, este último foi o primeiro campo que a Petrobras descobriu no Rio Grande do Norte, em novembro de 1973.

Atualmente, produzem com 54 poços e 25 plataformas fixas (das

quais quatro são habitadas), duas com facilidades de separação gás/líquido. Os que são operados exclusivamente pela Petrobras - Ubarana, Cioba, Oeste de Ubarana e Agulha - obtiveram uma produção no primeiro semestre do ano passado de 3.729 barris de óleo equivalente por dia. Nos demais, a produção chega a 1.567 barris de óleo equivalente por dia.

A companhia também revela que pretende investir nos campos que não estão no projeto Topázio. "Com base na análise de portfólio, a Petrobras pretende investir nas concessões que estão e continuarão sob sua responsabilidade, buscando aportar tecnologias e métodos que maximizem o fator de recuperação. Como exemplo, podemos citar a licitação para aporte tecnológico na concessão de Canto do Amaro, iniciativa que está em andamento no Rio Grande do Norte", afirma via assessoria de imprensa.

Diz também que vem implantando diversos projetos de desenvolvimento visando à melhoria do fator de recuperação. Em 2017, chegou a investir R\$ 800 milhões em projetos de produção, entre eles o de injeção no campo de Ubarana, que está à venda.

Sobre o projeto, a Petrobras diz que as parcerias e desinvestimentos significam a possibilidade de outros operadores investirem no RN. "Os novos concessionários continuarão desenvolvendo as operações e atividades inerentes às concessões dos polos". Até agora, nenhum campo do projeto teve a venda ou cessão concretizada.



PROGRAMA REATE ESTUDA CRÉDITO PARA INDEPENDENTES

A implementação do Programa Reate deve triplicar o número de empresas que operam no setor petrolífero brasileiro

Outra importante iniciativa para revigorar a produção terrestre por parte de outros *players* veio do Ministério de Minas e Energia (MME), o Programa de Revitalização das Atividades de Exploração e Produção de Petróleo e Gás Natural em Áreas Terrestres

(Reate). A implementação dessa iniciativa deve triplicar o número de empresas que operam no setor petrolífero brasileiro atualmente.

Lançado no ano passado, o programa tem como objetivos propor e monitorar ações, projetos e

políticas voltadas ao incremento das atividades de exploração e produção de petróleo e gás natural em terra. Na prática, regulamenta o repasse dos campos envolvidos no projeto Tópazio para os operadores independentes, já que visa estrategicamente revitalizar e estimular, assim como aumentar a competitividade da indústria petrolífera neste ambiente.

Entre as metas do Reate, estão a inclusão de pelo menos outras 25 empresas na oferta permanente e triplicar a produção atual dos campos terrestres em dois anos. De acordo com o secretário de Petróleo Gás Natural e Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia - MME, João Vicente de Carvalho Vieira, as ações do plano a curto prazo dependem do sucesso do projeto Topázio.

REATE

OBJETIVO

propor e monitorar ações, projetos e políticas voltadas ao incremento das atividades de exploração e produção de petróleo e gás natural em terra.

25

empresas serão incluídas na oferta permanente, triplicando a produção atual dos campos terrestres em dois anos.

“O programa é muito competitivo”.

JOÃO VICENTE DE CARVALHO VIEIRA

No entanto, a médio e longo prazos traz vantagens para o setor, como abrir todos os campos para oferta permanente, por viabilizar os novos atores e ampliar a cadeia. “O programa é muito competitivo”, resume.



As perspectivas de a atividade petrolífera voltar a aquecer no Rio Grande do Norte são animadoras, principalmente devido à aprovação da Portaria de número 309, da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Baseadas nas políticas de exploração e produção estabelecidas pelo Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), as regras contidas na normativa e aprovadas em setembro passado visam à maximizar o fator de recuperação e o incentivo à competitividade no setor com uma maior pluralidade de companhias em campos terrestres e em águas rasas.

A portaria afeta diretamente o Rio Grande do Norte, já que o grupo de trabalho determinou a avaliação do nível de investimentos necessários para mitigar a situação atual de queda da produção e de atividades nesses ambientes. Os objetivos são ampliar as participações governamentais, controlar o declínio das reservas, a correta exploração dos reservatórios e atrair novos investimentos.

Pelas regras, a Petrobras terá de apresentar até o fim do ano a solicitação de prorrogação dos contratos dos campos terrestres e em águas rasas que forem do interesse da companhia, acompanhado dos respectivos planos de desenvolvimento, contemplando a retomada de investimentos nas concessões. Nos casos em



JOSÉ FERNANDO DE FEITAS - ANP

MAIOR PLURALIDADE DE EMPRESAS NO SETOR A PARTIR DE 2019

Uma nova portaria da Agência Nacional de Petróleo (ANP) obriga o repasse dos ativos terrestres da Petrobras até o primeiro semestre de 2019 e apresentação de planos de desenvolvimento dos blocos de interesse. Em vez de leilões, as ofertas serão permanentes

que não houver interesse de prorrogação contratual ou aprovação da ANP, ou que for verificada a necessidade de alteração do plano de desenvolvimento para realização de investimentos adicionais, a ANP tomará medidas administrativas para realização dos investimentos ou devolução das áreas.

“A Diretoria Colegiada da ANP determinou, através da RD 568/2018, que a Petrobras concluisse os projetos de alienação já iniciados até o primeiro semestre de 2019. Além disso, determinou que a empresa avaliasse, dentro de 90 dias, quais ativos terrestres e de águas rasas seriam de seu interesse, para manutenção em carteira, devendo os demais serem devolvidos à ANP ou cedidos a outras empresas”, assegurou o coordenador de Áreas Terrestres da ANP, José Fernando de Feitas.

Petrobras deverá apresentar pleitos de prorrogação contratual dos campos de seu interesse acompanhados dos respectivos Planos de Desenvolvimento, que indiquem a retomada imediata dos investimentos. Para os demais, poderá avaliar se deseja que a ANP auxilie no processo de desinvestimentos por meio da realização de leilões.

JOSÉ FERNANDO DE FEITAS
COORDENADOR DE ÁREAS TERRESTRES DA ANP

OFERTA DE ÁREAS NÃO PRECISA MAIS DE LEILÕES PERIÓDICOS

Uma das principais preocupações dos empresários que querem investir nesse setor é justamente a regularidade e constância dos leilões. O que é a agência tem planejado para atender a essas expectativas?

Todo o processo de oferta de ativos em terra, quer seja de produção ou de exploração, passa agora a ser feito através da Oferta Permanente, ou seja, já não há necessidade de leilões periódicos. Inicialmente, estão selecionados quase 900 blocos e 14 campos maduros, dos quais mais de 700 estão em terra. Mas esse número será aumentado à medida que seus dados sejam organizados e as áreas ambientais manifestem sua concordância.

O senhor acredita que a atividade de produção terrestre no Brasil e no RN ainda tem muito potencial a ser explorado?

Considerando que os atuais Fatores de Recuperação das bacias terrestres são em geral muito baixos quando comparados a outras áreas produtoras no mundo e com as melhores práticas da indústria, estimamos que muito ainda há por fazer.

Há estimativas de quanto o setor ainda pode produzir e movimentar com a oferta permanente de áreas?

Atualmente, o Fator de Recuperação da Bacia Potiguar é de 16%, quando um valor mais próximo das médias mundiais seria de 35%. Um incremento de um ponto percentual no atual Fator de Recuperação representaria uma adição às reservas de cerca de 65 milhões de barris de óleo equivalente, demandando investimentos de mais de 500 milhões de dólares e pagamento de royalties de cerca de 300 milhões de dólares.

**HUB**

MOSSORÓ COMO CENTRO TECNOLÓGICO DO ONSHORE DO PAÍS

Classe produtiva almeja a elevação do Rio Grande do Norte, a partir de Mossoró, à condição de hub tecnológico de produtos e serviços petrolífero do Brasil

Tornar a região de Mossoró uma referência em produção e tecnologia de bens e serviços direcionados para a cadeia produtiva de petróleo pelo *know-how* na área de produção e exploração terrestre, estrutura já instalada para atender ao setor e, principalmente, posição geográfica estratégica em relação aos demais polos produtores no Nordeste, Sudeste e Norte. A ideia de criação de um hub tecnológico do petróleo na região, como uma espécie de parque tecnológico, tem ganhado força entre a classe empresarial da cidade depois da redução do ritmo da atividade com os desinvestimentos da Petrobras nos últimos anos.

A ideia faz muito sentido, já que o Rio Grande do Norte está dentro da margem equatorial, uma faixa no Atlântico estimada em um milhão de quilômetros quadrados considerada a nova fronteira de exploração de petróleo e gás em águas rasas do Brasil e que vai do litoral do

Amapá ao Rio Grande do Norte.

Nessa região, sem contar com o RN, já existem 44 blocos operados por 13 empresas, incluindo Petrobras e Shell, e que precisam de serviços de manutenção e fornecimento de produtos, incluindo a indústria de gás natural do Maranhão, o maior produtor em terra. Do outro lado, na faixa leste,

Mossoró atenderia aos blocos do Nordeste, sobretudo o recôncavo baiano, e o Sudeste, na região da Bacia de Campos, fazendo o elo entre os dois extremos.

Expertise

E não é apenas na geografia que o RN se destaca, mas também na tecnologia. Mossoró tem duas das maiores

companhias globais referência em serviços nessa área, a Schlumberger e a Halliburton, que oferecem serviços especializados de alta tecnologia para as operadoras petrolíferas, como perfuração, canhoneio e testes de formação a poços revestidos. Tem ainda um centro avançado de pesquisas, o Instituto Senai

de Tecnologia Petróleo e Gás (IST), sem mencionar o Centro de Tecnologia do Gás Natural (CTGás), que fica localizado em Natal.

Embora a especulação não tenha sido confirmada pela companhia, segundo os empresários, a Shell já teria interesse em montar no Rio Grande do Norte uma unidade de tancagem para adquirir o óleo obtido pelas operadoras independentes e refiná-lo fora do estado. Caso a informação se confirme, a região precisará de uma estrutura portuária para escoar tanto o petróleo, quanto equipamentos. Ou correrá o risco de ver esse material sair pelo Porto de Pecém, terminal portuário no estado Ceará. O RN até já tem em Guamaré uma unidade de bombeio em alto mar, em que navios petroleiros atracam e são abastecidos, mas tal estrutura é de propriedade da Petrobras.

Viabilidade

O presidente da Redepetro-RN, Gutemberg Dias, também destaca a viabilidade do *hub* porque a cidade está a 1.800 quilômetros de qualquer área produtora de petróleo em terra, o que favorece a logística. "As empresas, que fabricam bombas ou materiais para sondagem, operando a partir da cidade conseguem atender a todo Brasil. Se efetivamente a cidade se voltar a ser esse *hub* de equipamentos, produtos e materiais, teríamos como atender o mercado brasileiro com muita tranquilidade". Segundo ele, a transformação visa atrair empresas que consumam e fornecem bens nessa cadeia, mas o governo, prefeituras do Oeste e classe política precisa se unir em busca desse objetivo. "Nós, associações de classes, estamos imbuídos nesse projeto porque essa atividade traz desenvolvimento para a região e todo o estado", conclui.



III FÓRUM
Onshore
POTIGUAR

MOSSORÓ: A CAPITAL DO PETRÓLEO

27, 28 E 29 DE NOVEMBRO
HOTEL GARBOS - MOSSORÓ

Pela terceira vez consecutiva, Mossoró recebe o **Fórum OnShore**: o lugar certo para quem quer gerar negócios e discutir temas relacionados ao petróleo e às energias renováveis. Serão cerca de 40 expositores disponíveis para conectar você com o mercado nacional, além de painéis de debate, rodadas de negócios e apresentação de pitches. Não perca essa oportunidade e aproveite o que a capital do petróleo tem para oferecer.

0800 570 0800

www.rn.sebrae.com.br

sebraern

REALIZAÇÃO:

